

ESPORTES

MMA Em entrevista ao Correio, o brasileiro Rani Yahia fala sobre a luta de amanhã, em Las Vegas, após pausa de dois anos

Ele está de volta ao octógono

VICTOR PARRINI

Conhecido por abrigar os principais nomes do MMA (artes marciais mistas), o Ultimate Fighting Championship, o popular UFC, se orgulha de também ser casa de um brasileiro que não foge à luta. Aos 38 anos, Rani Yahya é um dos veteranos da badalada liga com sede nos Estados Unidos. Morador do Lago Sul, ele tem um compromisso importante, amanhã, a mais de 9.100km da capital federal. A partir das 17h, encara o norte-americano Montel Jackson, em combate pela categoria peso-galo, em Las Vegas. Antes do confronto, o lutador falou ao **Correio** sobre o início da trajetória no esporte, avaliou a importância de Brasília no cenário e revelou o time do coração em outra modalidade: o futebol.

Faixa preta em jiu-jitsu, Rani Yahya tem 12 anos de serviços prestados ao UFC. Integra a organização desde 2011. É um dos nomes mais tradicionais. Chegou à liga mais badalada das artes marciais mistas aos 26 anos. O pontapé inicial, ou melhor, os primeiros chutes e socos, foram dados no Distrito Federal, quando era apenas um garoto. “Comecei no jiu-jitsu aos 11 anos. Com 14, fui campeão mundial na categoria juvenil (16 a 17 anos) e ganhei outros títulos. Quatro anos depois, fiz minha estreia no MMA. A primeira parte da minha carreira foi no Brasil, depois lutei no Japão, em grandes eventos, até iniciar a carreira nos Estados Unidos, no WEC”, compartilha.

Apesar de ter ganhado o mundo e desbancado grandes adversários, Rani não perdeu o vínculo com o quadrado. “Sou nascido e criado em Brasília. Comecei todos os meus treinamentos no DF, no jiu-jitsu e em outras lutas. O único tempo que morei fora foi de 2005 a 2008, dos meus 20 a 23 anos, quando morei na Califórnia em busca de intercâmbio de treino e formação. Foi um período muito bom. Sempre busquei elevar o nome e representar a cidade”, ressalta. “Atualmente, treino em Brasília e, quando falta pouco para finalizar o treino, vou para a Flórida para a equipe de MMA finalizar a preparação”, explica o lutador.

Reprodução/Redes Sociais



Treino começa em Brasília e é aprimorado nos Estados Unidos. Nas horas vagas, Rani torce pelo Flamengo e curte um hobby radical: o rapel

“Tenho várias motivações. A de buscar o recorde de finalizações é mais uma. Mas a principal é o desafio, estar fazendo o que faço de melhor, estar lá dentro e finalizar. É assim que faço, sou finalizador”

Rany Yahia, lutador

Cada luta tem uma história, porém, para Rani, a mais recente pode ser ainda mais especial. Motivo: o brasileiro entrará no octógono do UFC após quase um ano e meio distante. Isso porque sofreu com lesões que forçaram o cancelamento de combates. Agora, ele chega preparado e fortalecido física e mentalmente. “Precisei parar e me reabilitar para estar no meu melhor. Acredito que o tempo que fiquei fora pude concentrar em estar bem. Foi um período que acabou sendo bom para mim. O tempo afastado não faz tanta diferença, pois sinto que o octógono do UFC é a minha casa”, discursa.

O fator psicológico, inclusive, é um dos mais trabalhados por Rani. Ele faz uma constatação em meio aos debates sobre o trabalho mental no esporte. “A mente

é o guia do corpo, da parte técnica e estratégica. Antes de tudo, temos que estar bem mentalmente. Temos que ter uma boa preparação para lutar. Esse tempo afastado foi bom para me fortalecer nesse sentido, pois pude sanar tudo que não vinha bem. Priorizo hoje em dia dar o meu melhor. Acredito que essa é uma das ocasiões em que estou pronto para performar o meu melhor”, avalia.

Promessa

E por falar em melhor, quando questionado sobre o combate, Rani vai direto ao ponto: “estou 100% preparado. Acredito que trarei a vitória por finalização”. Dominar os adversários, inclusive, é a grande virtude do brasileiro. Amanhã, ele terá a chance de se tornar o recordista

de finalizações do peso-galo do UFC. Das 28 vitórias na liga, 21 vieram dessa maneira — está empatado no quesito com o californiano Urijah Faber.

“Tenho várias motivações. A de buscar o recorde de finalizações é mais uma. Mas a principal é o desafio, estar fazendo o que faço de melhor, estar lá dentro e finalizar. É isso que faço, sou finalizador. É assim que venço as minhas lutas”, reforça.

Com 12 anos de UFC e 19 lutas no currículo, Rani avalia que não precisa se provar e, muito menos, buscar o respeito dos rivais. “O que o adversário pensa ou acha não está sob o meu controle. Foco nas coisas que estão ao meu alcance e consigo controlar. Seria bom se ele respeitasse. Mas, se ele não me respeitar por isso, melhor ainda (risos). Consigo,

finalmente, ter uma adrenalina bem controlada e desempenhar da melhor forma”, comenta.

Aos 38 anos, Rani caminha lado a lado com a experiência e enxerga isso como um trunfo para a sequência da carreira. “Quando eu era garoto, competia no jiu-jitsu e, nos primeiros campeonatos, pensava que a adrenalina passaria e, atualmente, passei a aceitar e a lidar com a pressão e finalmente ter uma relação de amizade com essa pressão, usá-la para o bem, para me dar coragem e me deixar alerta”, frisa.

Brasília

Engajado nas artes marciais e constantemente em contato com outras escolas das lutas, Rani tem propriedade para avaliar. Para ele, a capital do país é uma das praças relevantes do cenário. “Brasília se tornou um polo das artes marciais do país, pois a cidade oferece uma estrutura que facilita e tem uma cultura abrangente, além de excelentes treinadores. A nova safra vem com tudo, com Vicente Luque e Viviane Araújo. Acredito que eu faço parte de uma geração mais antiga. Vejo como uma ótima chance de termos um brasileiro campeão do UFC”, vislumbra.

Rani vive de esporte. Quando não está competindo ou treinando, segue ligado em outras modalidades. O futebol é uma delas. Rubro-negro, ele lembra da decisão entre Palmeiras e Flamengo, em janeiro, pela Supercopa do Brasil, no Mané Garrincha. O 4 x 3 a favor dos paulistas foi um dos grandes jogos do ano e, na avaliação do lutador, parecido com o empate por 3 x 3 entre Argentina e França, pela Copa do Mundo. A cria de Brasília, porém, não fica presa ao futebol. Os esportes radicais também fazem parte da vida dele.

Como se não bastasse viver perigosamente nos octógonos, ele se aventura nas alturas do rapel. “Gosto bastante de rapel. Pelo menos uma vez no ano, curto me aventurar. Adoro esportes radicais. Mas, às vezes, penso que o MMA já é radical demais. Gosto muito de estar em contato com a natureza. Me sinto seguro, apesar da altura”, brinca.

LIBERTADORES

Palmeiras sofre, mas vira jogo contra o Cerro Porteño

O Palmeiras conseguiu pelo alto a sua primeira — e sofrida — vitória na Libertadores. Contra o Cerro Porteño, o time alviverde saiu atrás, encontrou dificuldades e buscou no segundo tempo o triunfo de virada por 2 x 1, no Morumbi. Em noite de pouca criatividade e muitos erros técnicos, foram as bolas paradas que garantiram a vitória alviverde ontem à noite.

Gustavo Gómez foi protagonista da noite. Raçudo como sempre, o zagueiro fez o gol de empate e deu a assistência de cabeça para Navarro selar a vira-

da e definir o complicado jogo no Morumbi graças ao gol marcado pelo Cerro cedo, aos quatro do primeiro tempo, e da atuação consciente dos audaciosos paraguaios. O resultado deixa o Grupo C embolado. Todos os integrantes — Palmeiras, Cerro, Bolívar e Barcelona têm três pontos depois de duas partidas.

Foi um dos piores primeiros tempos do Palmeiras nos últimos tempos. O jogo não fluíu. Com lentidão, não acertou as suas transições ao ataque e sofreu do próprio veneno ao levar um gol fruto de um contra-ata-

que que começou com erro de Zé Rafael, que voltou trocando e viu Bobadilla abrir o placar aos quatro minutos depois de deixar Luan sem rumo.

Em busca da reação, os anfitriões rondaram a área, mas criaram pouco, muito pouco. Abusaram de cruzamentos, principalmente pela esquerda, com os avanços de Vanderlan, utilizado como um ala.

No segundo tempo, o cenário foi o mesmo. Piorou até para o Palmeiras à medida que o tempo foi passando. O time de Abel Ferreira confundiu a

aceleração com afobação e se atrapalhou no ataque. Não foi dominante e mostrou claro incômodo com a marcação encaixada dos paraguaios.

Mas o empate veio na base da insistência, com a raça e o oportunismo do capitão Gómez. Ele pegou rebote do goleiro Jean em finalização de Artur após falta cobrada por Dudu e mandou para as redes aos 18. E a bola parada originou também a virada. Em nova participação decisiva de Gómez, ele deu assistência de cabeça para Navarro só completar para as redes.

AFP



Festa para Rafael Navarro, que ajudou o Palmeiras a virar a partida

Giro esportivo

Patrick Hertzog/AFP



Fórmula 1

A família de Michael Schumacher acionará na Justiça a revista alemã Die Aktuelle por ter publicado falsa entrevista com o heptacampeão de F-1, usando recursos de inteligência artificial.

Beatriz Ryder/World Surf League



Surfe

Dois dias após garantir a vaga olímpica em Paris-2024, a surfista Tatiana Weston-Webb avançou às oitavas na estreia na etapa de Margaret River do Circuito Mundial, na Austrália.

Getty Images via AFP



Tênis

Beatriz Haddad Maia está nas quartas do Torneio de Stuttgart. Depois de triunfar por 6/1 no set inicial, e abrir 3 a 1 na segunda parcial, ela viu a casaque Elena Rybakina abandonar por lesão.

MARTIN BUREAU / AFP



Atletismo

A Maratona de Londres, no domingo, ganhou um atrativo. Ausente da edição passada, Mo Farah, o mais bem-sucedido atleta da Inglaterra, se despedirá das corridas de rua na prova.

AFP



Futebol

Cristiano Ronaldo é alvo de processo pedindo a deportação dele da Arábia Saudita. Uma advogada não gostou do gesto obscuro feito pelo jogador a torcedores rivais do Al-Nassr.

Jared C. Titton



Basquete

Melhor time da temporada regular da NBA, o Milwaukee Bucks reagiu nos playoffs. Após estrear com derrota, venceu o Miami Heat por 138 x 122, em casa, na madrugada de quinta.